

FRAGMENTAÇÃO DA METRÓPOLE E SELETIVIDADE SOCIOESPACIAL

Renato Numes Balbim

Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo

BRASIL

Partindo do processo de expansão periférica da metrópole de São Paulo, recorreremos á análise da distribuição de infraestructuras e equipamentos urbanos associadas ao poder público e á análise dos índices de mobilidade dos vários estratos sociais para caracterizar as “áreas opacas” da metrópole. A racionalização do espaço geográfico dávida a emergência de um meio técnico-científico- informacional produz os espaços da racionalidade, constituídos de objetos técnicos intencionalmente concebidos a localizados. Estes espaços são aqui tratados como “áreas luminosas”, contrapondo- se associando-seàs “áreas opacas”. Na cidade corporativa a fluidez exigida pelo capital hegemônico é experimentada somente por uma parcela da população. A localização anárquica das atividades e das residências agrava a problemática das classes menos providas que não se utilizam desta fluidez do espaço. O desenvolvimento da cidade corporativa constitui-se no processo proposto para análise através do resgate da seletividade socioespacial e da fragmentação de metrópole. Entendemos que a configuração espacial da cidade é fruto de um processo de associação e contraposição que assume particularidades internas ao contexto de uma metrópole caracterizada por uma condição de modernidade incompleta. Para tal análise utilizaremos as seguintes variáveis: distribuição de classes de renda, concentração de infraestructuras básicas, índice de mobilidade (viagens/dia/ habitante) segundo faixas de renda e segundo macrozonas urbanas e evolução no modo de transporte.